

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: PERCEPÇÕES E COMPARAÇÕES

Thaís Ferreira ¹

INTRODUÇÃO

Paulo Freire (1987) é de longe o pensador da área da educação mais admirado e lido no Brasil e até mesmo fora do país. Em suas obras, aborda temas pedagógicos políticos e os objetiva como forma de conscientização, ou seja, na tentativa de fazer com que as pessoas entendam quais veículos de formação as fazem ser o que são, em situações de opressão ou vice-versa. No seu livro *Pedagogia do Oprimido*, diga-se de passagem a sua principal obra, contém muitos conceitos que permeiam todo o seu vasto trabalho como teórico da educação. No entanto, apesar dos incessantes estudos, discussões, análises e a fé de que esse pensamento freiriano foi incorporado, abraçado pela educação, pelas escolas, pelos profissionais da educação, pelos alunos nesse processo de mediação do conhecimento, pelo trabalho em conjunto, pelas lutas por melhorias no cenário da educação brasileira, há algo que soa estranho na *práxis*. Há algo visível aos olhos que incomoda, mas ao mesmo tempo é deixado passar. Há algo errado. É nessa perspectiva que este trabalho foi desenvolvido, lançando olhar crítico, mas observador, na busca pelo entendimento da atual conjuntura em todas as esferas sociais sejam elas a família, a escola, a sociedade e sua configuração política, as relações de trabalho e interpessoais, as relações de poder, a insegurança humana sob a cosmovisão da leitura e reflexão de *Pedagogia do Oprimido* e de textos a partir dessa obra dentro da Filosofia da Educação com um foco principal: o ser humano em sua dimensão relacional.

A pesquisa surgiu da soma de aspectos observados no cotidiano escolar de uma escola pública de ensino básico e o ambiente acadêmico universitário imbuído da formação de professores no curso de Pedagogia. O começo da trajetória de pesquisa se deu com a ideia de traçar um paralelo entre a prática educacional na escola e na universidade observando o pensamento de Paulo Freire (1987) em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, especificamente.

O interesse na pesquisa está ligado a uma inquietação que nos consome acerca da formação de professores “anti-tradicionistas”, vinculada aos ensinamentos de vários teóricos, e imperando entre eles, Paulo Freire (1987). No que tange a magnitude das placas decorativas vistas nas escolas com suas frases soltas e desconexas da realidade numa contradição evidente desde a gestão até o ensino na sala de aula e de onde isso começa. Seria dos cursos de formação de professores? Ou uma herança que os futuros professores e/ou atuantes trazem consigo de seu ensino básico e que não conseguem superar?

Buscamos propor uma discussão acerca do contexto acadêmico nos cursos de formação de professores, entendendo o porquê de sua justificativa na atual sistematização, identificando os processos que sustentam uma educação tecnicista, tradicional e empiricamente desconexa da realidade de educandos no ensino básico e das teorias vistas nas disciplinas durante estes cursos. Para tanto, o contato diário com a escola e com a universidade foi primordial, numa pesquisa qualitativa, analisando comportamentos,

¹ Graduanda do Curso de **Pedagogia** da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, izahloki@gmail.com.

discursos, motivações, intensões, pensamentos, entendimentos e razões nos dois contextos: ensino básico e ensino superior.

Ao apresentar os conceitos de opressor e oprimido, Paulo Freire (1987) nos permite identificar os processos diários que alicerça o tipo de educação da qual não queremos fazer parte, mas que está presente no cenário de educação brasileira. As discussões que englobam o pensamento de Freire está presente na universidade há algum tempo, buscamos entender porque professores que atuam na educação básica ainda são considerados tradicionais e distantes da ideia freireana de educação e sociedade

METODOLOGIA

O ponto de partida da análise que nos permitiu construir uma ponte entre determinado pensamento de Freire e a atual conjuntura social, testemunhada no nosso dia a dia e nos veículos de comunicação em massa que relatam o noticiário da vez em tempo real foi a leitura da *Pedagogia do Oprimido*, de teorias sócio-educacionais de Pierre Bourdieu, das teorias histórico-sociais, da luta de classes de Karl Marx e das aulas de Filosofia da Educação ministradas pelo filósofo e professor Drº Dorgival Gonçalves Fernandes. Dessa forma, tivemos embasamento para propor uma discussão entre as teorias desses pensadores e os últimos acontecimentos que marcaram e ainda marcam a educação brasileira, considerando nossa própria atuação dentro da sociedade, não nos externalizando dela, nos propomos a ser nosso próprio alvo de observações, uma vez que fazemos parte diretamente das relações num contexto escolar e ensino básico e universitário como pedagogos. Vale salientar que o rumo que a pesquisa tomou recai diretamente sobre os cursos de formação de professores, do qual fazemos parte, o que nos permitiu vivenciar a pesquisa, similarmente a metalinguagem.

DESENVOLVIMENTO

A pedagogia do oprimido é um retrato claro, transparente e contextualizado das relações humanas de trabalho, educacionais, políticas, sociais e pessoais. Ajuda a entender como funcionam as engrenagens da coisificação do trabalhador pelo patrão à custa de entidades superiores que formam uma hierarquia disfarçada de democracia. Todos os dias, os oprimidos tornam-se menos humanos, na medida em que o discurso do “coração” se instala no ambiente de trabalho (FREIRE, 1987).

Nota-se a cada dia a desumanização da palavra “humana”, como se tudo quanto fosse desumano se tornasse agora uma característica intrínseca e essencialmente humana, por exemplo, algumas atrocidades vistas no jornal são atribuídas por muitos como comportamento racionalissimamente humano. Características assustadoras, perversas e agressivas que só poderiam vir do pensamento bem articulado.

Esse movimento se manifesta em maior ou menor grau não só nas relações de trabalho, mas em todas as construções de envolvimentos pessoais e na educação, que é a esfera onde mais se espanta a existência dessas atitudes.

A característica mais forte desse movimento é aquela conhecida como “chantagem”, uma amizade desonesta, que o primeiro capítulo do livro traz como “falsa generosidade”. O opressor, em sua glória, se diz amigo e quer ajudar, mas de maneira engenhosa converte o trabalho do oprimido para beneficiar a si em função da hierarquia superior de modo que esta última elogie o trabalho daquela por “saber controlar” seus funcionários, algo parecido como um bom pastor pastoreando suas ovelhas de modo que não a deixa escapar do seu cercado, de

modo que essas ovelhas não conheçam nada além da cerca e nem tenham vontade de conhecer.

De igual modo, o falso generoso tenta convencer os oprimidos que qualquer outro lugar, ou um lugar desconhecido é nocivo ou pior do que aquele em já está. Os oprimidos são de fato acuados e não tem liberdade para decidir o que é melhor para si. As mãos que trabalham para manter a aparência de bom funcionamento não são afagadas pelo desejo de melhorar a si, de “ser mais”. Os opressores, cientes de seus status de “superiores”, também desumanizados, são enganados pela falsa comodidade, não buscam ser mais e nem sabem que são menos.

Esse é o retrato fidedigno das relações sociais na educação entre a equipe gestora, seus funcionários e a equipe docente da qual lamenta o dia em que escolheu uma licenciatura para cursar. Já nos cursos de formação, enquanto graduação, os professores se sentem inspirados pelas teorias educacionais e aprendem, em tese, o que não fazer como professor, se fala em meritocracia (conceito de Bourdieu), a escola ideal de Montessori ou a escola reprodutivista de Rubem Alves e outros que apresentam as facetas da educação que se mostram tão atuais mesmo escritas nos séculos passados. Paulo Freire, por exemplo, nos fala desde o século XX, e diariamente estamos presentes em fóruns de discussões, mesas redondas, eventos da educação, publicações de trabalhos em eventos grandiosos, mas a essência da educação básica, herdada do período jesuítico, está mudando a passo de tartaruga. Onde está o erro?

A leitura de *Pedagogia do Oprimido* de Freire (1987) nos diz que, se não todos, grande parte da sociedade é opressora e oprimida todos os dias. Em diferentes condições, podemos ser os dois lados da moeda. Um homem oprimido em seu trabalho pelo patrão autoritário se vê oprimindo sua esposa em casa pelo jantar queimado, a esposa oprime o filho por ser culpa dele o fato de queimar o jantar já que ela teve que brigar com ele por estar jogando bola dentro de casa, o filho oprime o gato de estimação pois ele é um animal abaixo da linha da racional e imponente humanidade. Assim a opressão não tem rosto, nem cor, nem condição financeira, nem sexo. Não é um movimento que afeta os pobres apenas. Quem estiver sujeito a relações pessoais, está sujeito a opressão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Avaliando as relações humanas em diversas esferas, e aqui queremos frisar a educação, notamos uma vasta contrariedade entre o ensino, a aprendizagem e a prática docente e de gestão. Nos cursos de formação de professores, muito se lê Paulo Freire, muito se discute, muito se venera o pensamento que, reconhecemos, é deveras importantíssimo para um desenvolvimento de um currículo escolar exemplar. Mas o que vemos, testemunhamos, observamos é algo como tudo que Freire (1987) disse para não fazer. Não é de se espantar chegar em qualquer escola pública (ou não) e ver um grande letreiro escrito quaisquer das famosas frases dele mas quando se analisa os métodos de ensino e de aprendizagem encontramos alunos sem autonomia na sala de aula, professores que reclamam de falta de “brechas” para trabalharem os projetos que idealizam para seus alunos, gestores que insistem em culpar as instâncias superiores por “cortarem-lhes” as asas por terem que seguir um sistema de ensino não elaborado pela escola não atendendo, portanto, as suas necessidades.

O fato do ser oprimido nos leva a entender as relações humanas como aparência. As lutas de classe são forjadas pela aparência do querer bem ao outro, de querer ser livre, quando na verdade se almeja o lugar do opressor. Ensinar é querer libertar outro da ignorância, é um ato de amor, mas mesmo sem saber, o professor passa a ser opressor e o aluno oprimido quando a relação da sala de aula se estabelece entre alguém que detém o conhecimento e

alguém que não detém nada além dos ouvidos e do cérebro para receber e codificar conhecimento.

[...] Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. [...]. (Freire, 1987, p. 58).

Assim sendo, há de se repensar a formação inicial dos professores no que se refere o ensino vinculado à teoria, na prática, no cotidiano, no cerne da relações sociais, pessoais e afetivas pois a escola é responsável também pela formação humana, e as intervenções dos profissionais da educação tem um peso considerável sobre a formação pessoal de cada educando. De tal modo, o curso de formação de professores propiciaria aos futuros docentes, a possibilidade de se dedicar com mais segurança e autonomia no cotidiano escolar. Do mesmo modo se faz necessário à formação continuada para aqueles que já atuam no ensino, no sentido de preencher as crateras da formação inicial.

É bem verdade que a pedagogia do oprimido seja bem filosófica, incentiva a mudança, o amor ao próximo, a saída da zona de opressão para a liberdade do oprimido e do opressor. Mas o sabor do poder é muito poderoso, vai além do coração humano. Ou seria coração desumano? Humanidade e desumanidade são termos que se fundem cada dia mais. Saber lidar com o poder de forma a não produzir nenhum tipo de opressão parece trabalho de um Sísifo, assim como tentar traduzir o riso de um deus.

Saber lidar com a liberdade é igualmente difícil, em uma hipótese quase que estúpida, o homem livre se perde nas possibilidades de ser homem. Mas porque é tão difícil ser livre? Qual a quintessência da liberdade? Pensamos que se livrar da invenções humanas que controlam o tempo e o espaço nos deixariam perdidos, avulsos da humanidade, como um vírus em um sistema complexo de organização. As amarras que mantêm a ordem, ou pelo menos a falsa ordem, valem como prisões. Nesse sentido, é impossível ser livre. Aliás, há uma maneira, e quem nos explica isso é nosso amigo Schopenhauer (1851) quando diz “um homem pode ser ele mesmo somente quando está sozinho, e se ele não gosta de solidão, ele não vai amar a liberdade, pois é somente quando ele está sozinho, que ele é realmente livre”.

O medo da liberdade que é explicada na justificativa do oprimido se atém ao fato de que os oprimidos se sentem confortáveis em sua posição pois essa hierarquia, já comentada, exige postos. Postos estes que o oprimido teria que assumir para manter a ordem. Então é preferível deixar nas mãos dos opressores o que eles sabem fazer bem, ordenar. Ser livre não deveria exigir esforços, lutas e opressões. É um falso direito acometido aos povos, exigindo deles criticidade e luta. Para ser livre é preciso buscas, conquistas, e muitas vezes exigiu derramamento de sangue. A liberdade não é inata. As gerações do mundo inteiro não experimentaram ser livres, nem sequer almejam a liberdade essencial, mas escrevem suas histórias baseadas em *construções* de heróis libertadores. Sendo assim, a pedagogia do oprimido nos diz, resumidamente que dentro de nós existem opressores e oprimidos que tem medo da liberdade, mas luta pela falsa libertação, que fala em humanidade mas a mistura e a denomina como desumanidade, que luta para os outros, mas busca essencialmente para si. Somos uma grande moeda, duas faces.

No contexto da educação, a liberdade está longe de ser uma conquista emancipadora na totalidade, na medida em que ela só será socialmente relevante se auxiliar professores e alunos na interpretação da realidade, incentivando o pensamento crítico se aproximando da liberdade e se distanciando da opressão.

É inegavelmente necessário que os oprimidos se unam em força em um único objetivo, mas é sabido a comunidade de professores é a mais desunida do Brasil em virtude do

apontamento de irresponsabilidade didática aos companheiros docentes, por exemplo, se uma criança chega ao terceiro ano do ensino fundamental I sem saber ler, certamente a culpa são dos professores que antecederam a educação daquela criança, nesse sentido o trabalho docente deveria acontecer “significando a união dos oprimidos, a relação solidária entre eles não importam os níveis reais em que se encontrem como oprimidos, implica também, indiscutivelmente, consciência de classe”. (FREIRE, 1987, p. 173).

Paulo Freire defende que ao buscar a união, os oprimidos organizam-se para que haja harmonia de objetivos como: ordem, encorajamento, força, diálogo, cidadania, respeito e solidariedade, que são colocados de forma democrática a fim de beirar a liberdade dos oprimidos, conhecendo a síntese da cultura do outro e esta serve para a organização, munidos do entendimento que o outro tem percepções diversas e muito a oferecer.

A prática em sala de aula pode ainda construir discussões e avaliações que poderão corroborar na elevação da educação, tanto em nível básico como em nível superior. Aparentemente, os cursos de formação de professores não conseguem construir interação entre a teoria e a prática. É certo que a teoria presente nas aulas de licenciatura são de certo válidas e valiosas, mas há uma carência assustadora da realização dessas atividades propostas na sala de aula, na gestão, na pedagogia hospitalar, empresarial, social, ambiental e assim por diante.

A cultura docente ainda é subestimada e não reconhecida pela própria comunidade docente. A discussão que colocamos, então, é como enfrentar a questão do abismo que há entre a teoria e a prática docente. Nesse sentido, considerando toda a esfera de educação e priorizando o ensino básico e os Parâmetros Curriculares Nacionais, também vistos nos cursos de licenciatura, a principal ferramenta de avaliação de ensino é munir-se do entendimento do cotidiano do público discente a fim de trazê-los para dentro da discussão que não posicione o professor como único responsável pelo ensino e o aluno o único responsável pela aprendizagem. Há, portanto, que instrumentalizar os professores para o contexto formal de ensino e aprendizagem- a sala de aula, englobado pela comunidade escolar, não ausente do processo de educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi estudado, podemos compreender o movimento na educação que formam os currículos escolares tal como são aplicados nas escolas, a emancipação do pensamento de Freire (1987) nos estudos de formação de professores e a contradição na *práxis* que se manifesta no cenário brasileiro de educação. Dessa forma, também percebemos a importância da análise dos fatos na contramão da teoria numa tentativa de organizar a sociedade com o viés de manutenção do *status quo* observando o pensamento de Paulo Freire dentro de sua mais importante obra. Finalmente pudemos reorganizar as análises para reflexão e emponderamento da formação de professores, uma vez que enxergamos as falhas de um sistema aparentemente democrático mas atuante brutal.

Para ensinar com qualidade, é necessário reconhecer-se no cenário político, pedagógico e social, uma vez que a educação é entrelaçada com esses contextos. Os professores quando chegam na sala de aula, deparam-se com variados problemas do quais não imaginavam que fossem enfrentar, mesmo diante das teorias sócio-educativas que permeiam as discussões acadêmicas atualmente. A verdade é que não há receita de como lecionar pois cada sala de aula contém sujeitos com histórias de vidas inimagináveis e diversas e com capacidades cognitivas diferentes e é devido a isto que a formação de professores carece de

rever suas grades curriculares e seus componentes a fim de contemplar o domínio físico e específico das escolas.

Palavras-chave: Paulo Freire; Educação, Opressão, Liberdade.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987..

MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. 9.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.